

PATO EXTENSIO: PATO ACADÊMICO CÓSMICO BRUXÓLICO MOSAIQUICO DA ESPÉCIE EXTENSIO UNIVERSITARIUS

Leopoldo Nogueira e Silva
Universidade Federal de Santa Catarina
leonogueiramq@gmail.com

APRESENTAÇÃO

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".
Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Fernando Pessoa (1)*

Quando crianças, todos nos encantamos com mil e uma histórias que nos contam sobre heróis que enfrentam mundos desconhecidos na ampliação de impérios, sobre heróis que lutam por defender sua terra e seu povo de invasores, sobre figuras que entram para os livros didáticos e da literatura que nos maravilham por seus feitos de bravura no decorrer dos séculos e milênios. Desde a mais tenra idade, nas creches e nas escolas, até à universidade e a pós-graduação, pouco a pouco vamos percorrendo o mundo das letras e das palavras, dos textos de vários autores que nos ajudam a compor um quadro muito pessoal da história da humanidade com

os casos e fatos que vamos descobrindo. É no diálogo e no respeito às tradições de várias culturas e etnias que folhas e folhas são coloridas com rabiscos e anotações, com os desenhos, cantigas e versos é que a imaginação infantil e adulta faz seu próprio relato das experiências vividas com os colegas, professores e pares da academia no tempo/espço das descobertas das salas de aula que nos acolhem nessa infinita viagem “por mares nunca de antes navegados” no percurso da educação escolarizada.

Crianças, jovens e adultos vão se amadurecendo, pelo brincar, estudar pelo ensino, pesquisa e extensão, pelo participar de todas as atividades que são preparadas no sentido de criar-lhes oportunidades de serem protagonistas nessas descobertas do até então mundo desconhecido que se lhes descortina à frente, seguindo confiantes na ampliação dos horizontes para além das carteiras e salas de aula do que lhes foi contado.

Eles, então, descobrem por si mesmos e a partir do que se apropriam em tantas páginas, imagens e sons que vão

1 *"Navigare necesse; vivere non est necesse"* - Frase de Pompeu (106-48 a.C.), general e político romano, dita aos marinheiros, amedrontados, que recusavam viajar durante a guerra (In Vida de Pompeu) registrado por Plutarco que, ao citar a frase de Pompeu usou a palavra “necessário” e não “preciso”. A frase “navegar é preciso, viver não é preciso” é de Petrarca (1304-1374), copiada por Fernando Pessoa em seu poema. Cf. Universidade de Coimbra em <http://www.uc.pt/navegar/>.

aprendendo. Criam seus mapas pessoais e coletivos à medida que as asas da imaginação lhes dão mais coragem para enfrentar o desconhecido mundo do saber, do fazer, do ser neste mundo infinito do conhecimento. A vida...

Em nossa língua portuguesa já há quase quinhentos anos os versos dos Lusíadas (2), de Luiz Vaz de Camões (1524/1580), inspiram a imaginação de leitores e apreciadores da saga das descobertas dos bravos heróis que saíram da Península Ibérica junto com o navegador Vasco da Gama (1460/1540), a descobrir o caminho marítimo para as Índias (1497-1498).

A epopeia do povo português (lusitano) (3) é contada em cantos e versos. Assim como ele, outros escritores e poetas criaram em seus jogos sutis de palavras outros sentidos para a vida, transformando significados a nos instigar o pensamento, o sentimento, a imaginação.

O “preciso” passa a ter o sentido de “exato”, assim como deveriam ser exatas as ciências envolvidas naqueles tempos remotos de navegação, exploração e descobrimento. A necessidade cria a coragem para as buscas. E, o que vivemos hoje em dia que não é mais necessário e provoca a inexatidão nessas buscas humanas? Na Educação, o que é exato, o que é preciso, o que é necessário, o que é viver, o que é criar?

Se sabemos como, onde, quando e por que a vida começa, como saber o para quê e, no que ter exatidão para ser necessário bem viver? Sabemos onde tudo começa e onde a

vida nos levará? Onde a Educação nos levará a viver?

OS ANTIGOS NAVEGADORES

Desde o Tratado de Tordesilhas (1494), que estabeleceu uma linha divisória entre as terras para o domínio desse Novo Mundo, até alguns séculos depois, especialmente essa região sulina nas redondezas do paralelo 27 foi alvo de disputa entre os reinos de Portugal e Espanha para a exploração de suas possíveis riquezas. Histórias sobre a existência de um reino com muito ouro e prata excitava a imaginação dos exploradores que por aqui começaram a transitar nas primeiras décadas dos anos 1500, em busca de mais pistas sobre tais tesouros.

Em nome dos reinos de Espanha ou Portugal, vieram aportar nessas terras inúmeros navegadores, como Américo Vespúcio, João Dias de Solis, Sebastião Caboto, Pedro Álvares Cabral, Vasco Nuñez de Balboa e Aleixo Garcia. Já tendo passado pelo sul do recém-descoberto Brasil, a descobrir a foz do Rio da Prata pelos idos de 1514 juntamente com D. Nuno Manoel, o comerciante belga baseado em Lisboa, Cristóvão de Haro, também financia a empreitada do português Fernão de Magalhães (1480/1521) na viagem de circum-navegação ao redor do globo, iniciada em 1519.

Eles vinham ora em missões secretas

2 Publicada em 1572. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/tcxto/bv000162.pdf>. Acesso em: 14 out. 2014.

3 Os lusitanos constituíram um conjunto de povos ibéricos pré-romanos de origem indo-europeia que habitaram a porção oeste da península Ibérica desde a Idade do Ferro. Em 29 a.C., na sequência da invasão romana a que resistiram longo tempo, foi criada a província romana da Lusitânia nos seus territórios, correspondentes a grande parte do atual Portugal. Wikipédia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lusitanos>. Acesso em: 14 out. 2014.

pelos reis a quem serviam, ora pelos interesses de nobres e comerciantes abastados interessados em aumentar posses e poder econômico e político, trazendo em suas caravelas padres, missionários, marinheiros experientes e miseráveis condenados a serem degradados. Noutras vezes vinham artistas e, eventualmente, piratas.

Destaca-se que no meio do caminho marítimo ao longo dos vastos territórios que mal se via além das florestas imensas, descobriu-se uma ilha que, já naqueles tempos, tornou-se importante e estratégico porto de passagem nas novas rotas de exploração e comércio que se estabeleceram.

No início do século XVI os relatos da chegada dos primeiros europeus ao sul do Novo Mundo indicam o encontro, e os primeiros contatos com uma população nativa que vivia na costa litorânea das terras recém descobertas que se autodenominava Carijó, chamada de “índios” pelos primeiros estrangeiros que os confundiram com os habitantes da lendária Índia.

Um daqueles navios naufraga, em 1516, na entrada da barra sul da baía entre a ilha e o continente e, alguns sobreviventes - europeus e ao menos um negro - passam a viver nessa região, formando o primeiro núcleo com a presença das três etnias matrizes que viriam a formar os futuros povoados.

A imensa baía, naqueles primeiros anos de 1500, foi confundida com o estuário de um grande rio que ali desaguasse, que os primeiros navegantes chamavam de “Rio de los Patos” e “Baía de los Patos”, que logo passou a ser chamado de “Puerto de los Patos”, pelo porto que ali ficou estabelecido na parte sul da ilha, conhecida, desde então por “Ilha de Santa Catarina”, batizada assim em 1526, por Sebastião Caboto, navegador

veneziano a serviço da Coroa Espanhola. A partir desse “batismo” o nome passa a constar em mapas desenhados desde então, e perdurou até os dias atuais.

As terras dos povos ancestrais conhecida por eles como Pindorama começariam a ser povoadas com a chegada dos estrangeiros europeus e os negros que se juntaram aos índios nativos. Então, se formaram as vilas, freguesias e cidades nas capitanias e estados da então Terra de Vera Cruz, Ilha de Vera Cruz e, finalmente, Brasil.

OS NOVOS NAVEGADORES

A história do atual Estado de Santa Catarina tem suas raízes entrelaçadas à própria história do descobrimento da América e do Brasil, das histórias dos povos que aqui aportaram e escolheram para ser seu lar, sua terra, suas vidas. Incontáveis homens, mulheres e crianças chegaram de várias partes do mundo e passaram a colaborar para a formação do povo catarinense e brasileiro que conhecemos hoje.

Os quinhentos anos que passaram estão repletos de eventos memoráveis, em lendas e contos que entraram para os livros escolares, de arte e da história. A vida seguiu com seus heróis e vilões contados em versões diferentes, na perspectiva de vencedores e vencidos entre tantos fatos que aguardam o estudo, o exame, a reflexão, a descoberta.

Assim, como os antigos e intrépidos exploradores, as crianças, jovens e adultos do entrante século XXI, os novos marinheiros - agora nas escolas e universidades - junto aos seus professores e pesquisadores como capitães mais experientes, com novos mapas e olhares, têm um outro mundo a descobrir

nesses imensos territórios e mares da Educação a serem navegados.

“Navegar é preciso” e, assim foi que os antigos navegadores se utilizaram dos instrumentos e meios disponíveis em sua época para traçar com a devida precisão seus planos, e abrir caminhos para que se estabelecessem as cidades e os povos ampliassem seus horizontes pelas vias do progresso e evolução dos reinos em nações. Os rumos para o estabelecimento de uma nova civilização foram implementados e desenvolvidos para escrever um capítulo história dos povos que já se fez coisa do passado.

Os antigos exploradores estabeleceram rotas, escreveram e desenharam mapas, se orientaram pelas estrelas, criaram cartas de navegação, ampliaram o comércio, fecundaram as terras com novos cultivos e, a história e a memória do povo também registram inúmeras contradições aos planos de criação de uma sociedade moderna e ideal para aqueles dias.

Nesse mesmo sentido, e em outro muito mais amplo, precisamos da Educação como espaço/tempo para outras descobertas na superação de contradições e injustiças em uma humanidade onde todos os seres em convivência sejam mais solidários e fraternos, e a relação dessa humanidade com a natureza não seja a de simples exploração predatória, mas de busca de harmonia e bem estar com desenvolvimento sustentável.

O crescimento muitas vezes desordenado das cidades e todos os seus equipamentos e infraestrutura, a falta de gerenciamento dos recursos naturais numa perspectiva de desenvolvimento sustentável, por exemplo, também têm raízes profundas nessa história em que todos embarcamos um dia no passado distante.

Atualmente nos defrontamos todos, nessa atual geração, com problemas que parecem difíceis de resolver. Dia após dia, as questões necessárias para a resolução de cada uma dessas dificuldades, no presente, torna-se mais que preocupação, e evoluíram como ocupação diária de pessoas do povo e da universidade interessadas no futuro das cidades e de suas gentes.

Certamente que pela Educação, pela precisão das propostas político-pedagógicas, pelo investimento dos gestores da política pública educacional com novos olhares e abordagens educativas entrelaçadas aos mais legítimos interesses socioeconômicos e culturais, temos um infinito de possibilidades de soluções para o bem estar de todos e das cidades de maneira mais orgânica, para a formação de seres mais humanizados, promovendo o desenvolvimento das crianças e jovens em uma sociedade cada vez mais comprometida e responsável pela vida, em todos os campos e setores dela.

Faz-se necessário, do mesmo modo, formar profissionais e professores críticos que contribuam para que alcancemos as finalidades da universidade, “aparelhá-los” com os mais modernos instrumentos na descoberta de novos caminhos pedagógicos, reler os autores clássicos da Educação e da problemática nacional e mundial, mas reescrevendo outros objetivos e porquês, com alunos e alunas, pesquisadores e pesquisadoras, uma história de belezas compartilhadas, recriar as escolas e universidades tanto com infraestrutura quanto com condições de trabalho de excelência, prover acesso à população a estabelecimentos e espaços para a celebração da educação, da comunicação, da cultura e da arte.

“Educar é preciso” e, assim, é

compreensível que às crianças, aos jovens, aos professores e à população, a Universidade de Santa Catarina proponha lugares que atendam às necessidades de seu povo a uma vida com cada vez mais dignidade.

Enquanto universidade criada há pouco mais de 50 anos nessa história de meio milênio, a UFSC vive, agora, em um ciclo de maior desenvolvimento humano, numa sociedade e um mundo globalizado. E, aceita os desafios colocados aos novos descobridores desses novos espaços e tempos.

Nesse outro ciclo, vivemos em um outro espaço/tempo de grandes descobertas e, então, por querer fazer essa Educação com tanta precisão, faz-se necessário recriar essa vida com todo o comprometimento e responsabilidade que a UFSC tem pela Educação, por seu estado e seu povo, por cada um na sua missão de servir à sociedade pelo ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas em seu âmbito.

O “PATO EXTENSIO” NESSA HISTÓRIA QUINHENTENÁRIA

O imenso mosaico “Muro da Memória” foi criado entre os anos 1997 e 2000, no prédio que abriga a Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina, no Campus Reitor João David Ferreira Lima, Bairro Trindade em Florianópolis.

Circum-navegando pela história dos muito mais de quinhentos anos das narrativas, literatura, crônicas, relatos, poesias, lendas, mitos e viagens, foi projetado por Rodrigo de Haro (1939/-) - poeta, intelectual, pensador, mosaicista e artista multifacetado brasileiro - filho do grande pintor clássico Martinho de

Haro, autor de outra obra também no interior do mesmo prédio.

Teve como artífices João Fritzen, Salésio Fritzen, Dalmi Thome e, Idesio Leal e o patrocínio das Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC), Cerâmica Portobello e Ministério da Cultura, foi uma realização conjunta entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária (FAPEU), idealizada na gestão do Reitor Antônio Diomário de Queiroz.

Objeto da monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em História, na disciplina de Orientação do Trabalho Monográfico, pela Universidade do Estado de Santa Catarina, sob a orientação do professor Paulo Rogério Melo de Oliveira, em 2005, essa obra carece de reflexões no seio da própria instituição que o acolheu. São milhares de pessoas que passam em frente a ele cotidianamente, despertando a admiração e curiosidade de muitos que o fotografam e o contemplam no coração da UFSC.

O “Pato Acadêmico Cósmico Bruxólico Mosaico”, da espécie “Extensio universitarius”, ou “Pato Extensio”, é declaradamente uma criatura retirada da obra de Rodrigo de Haro. De todas as figuras ali desenhadas, tal qual foi “mosaicado”, o nosso “descoberto” “Pato Extensio” foi retirado das imediações de parte da obra que ilustra os “seres alados”, sendo um deles o Quetzal, usado no logotipo do cinquentenário da Universidade Federal de Santa Catarina em 2010.



Imagem 1 - Detalhe do Mural da Memória, na face oeste.
Fonte: Registrada pelo autor.

A “REVISTA EXTENSIO” NA SUA HISTÓRIA DECENÁRIA

Imaginado como “pato” - ali com uma cabeça nitidamente humana - dentre as muitas figuras de pássaros juntamente a outros animais e cenas retratadas no mosaico, a figura no logotipo da Revista Extensio é contextualizada como aquele ser que caminha pela terra (Extensão), nada sobre as águas (Ensino) e voa pelos céus (Pesquisa), no mesmo estilo gráfico montado por fragmentos de cerâmica colorida no painel. O

“Pato Extensio” está aqui, ali e acolá, como quem transita por todos os cantos na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão universitária.

O logotipo inscreve o “Pato Extensio” como a quinta estrela da Constelação do Cruzeiro do Sul, no centro de um círculo/mundo azul, desenhadas as nuvens (céu), as ondas (água) e o chão (terra). Em tipologia que imita o mosaico, os dizeres “Revista Extensio” são em azul e o nome por extenso da publicação é na mesma cor das estrelas, em amarelo ouro.



Imagem 2 - Detalhe do Mural da Memória, na face oeste.
Fonte: Registrada pelo autor

Dentre tantas outras figuras desenhadas sob o olhar atento de Santa Catarina de Alexandria - “padroeira de universidades, rotas, tronos, timões e maravilhas” - o “Pato Extensio” também celebra com os que seguem no “Barco da Extensão Universitária” descobrindo a “finalidade de articular e apoiar a execução da política de extensão da UFSC. Seja através de ações específicas dos departamentos de ensino, seja através de ações institucionais, buscando uma integração mais efetiva da realidade social com as atividades realizadas na universidade”, os 10 anos da Revista Extensio - Revista Eletrônica de Extensão, “periódico de publicação semestral, interdisciplinar, de circulação nacional e internacional, que tem como missão

contribuir para a disseminação e promoção de novos conhecimentos na área da extensão” da Pró-Reitoria de Extensão, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nas descobertas da extensão universitária desfraldamos cada folha de revista como vela de mil e um barcos que podemos navegar e descobrir novas e maravilhosas histórias para encantar outros tantos murais e painéis fantásticos da história de cada criança, jovem e adulto - estudantes, descobridores e pesquisadores, cidadãos e cidadãos - no milênio que inauguramos a viver sob a frota da academia, tendo como uma das naus capitânicas a Extensão Universitária e seus registros de viagens na “Revista Extensio”.

Cada experiência, cada vivência, cada descoberta se escreverá no livro da vida das

REFERÊNCIAS

BOND, Rosana. **A saga de Aleixo Garcia - o descobridor do Império Inca**. Florianópolis: Insular, 1998.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Os Espanhóis conquistam a Ilha de Santa Catarina - 1777**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

MOSIMANN, João Carlos. **Porto dos Patos - A Fantástica e Verdadeira História da Ilha de Santa Catarina na era dos descobrimentos**. Florianópolis: Edição do autor/Fundação Franklin Cascaes, 2002.

PETRELLI, Roberto de Almeida. **Um olhar sobre o painel musivo de Rodrigo de Haro: "Leitura Catarinense do Livro da Criação Latino-Americana (1997 / 2000)"**. Monografia. Orientação Dr. Paulo Rogério Melo de Oliveira. UDESC, 2005. Disponível em: <http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000000/00000082.pdf>. Acesso em: 15 maio 2008.

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

_____. **A ilha de Santa Catarina e o seu continente na luta pela hegemonia portuguesa e na fixação da cultura lusitana no Brasil meridional**. *Novos estudos Jurídicos*. ano. VI, n. 11. p. 115-145, out., 2000. Disponível em <http://www6.univali.br/seeer/index.php/nej/article/view/1515/1210>. Acesso em: 20 maio 2008.

PIAZZA, Walter Fernando; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina - História da gente**. Florianópolis: Lunardelli, 2003.

PROEX UFSC. **Apresentação**. Disponível em <http://proex.ufsc.br/apresentacao>. Acesso em: 02 abr. 2015.